

sem

Fernando Brentano

a palavra ocupou a sala toda calou as janelas, o radinho de pilhas e os porta retratos arrancou os livros da estante produzindo tsunamis com as persianas abafou nossas vozes ao grau zero e ficamos todos espremidos entre ela e a parede, ela e o teto ela e as ripas de madeira do piso no curto vão de oxigênio livre a palavra grudou no sótão e agora passamos nossos dias presos olhando pra ela, uma estrela

o coração do boi sobre a pia vai esfriando à medida em que o músculo absorve a friúra do granito e lança nele seus desejos de sempre, meio vis quentes, como tudo o que nele era pastos, pelos, as tetas esplêndidas das vacas de leite e em pouco tempo tudo dele se cala se equipara ao grau da pedra as artérias e veias os espaços entre os átrios, o feno, tudo

bati a clavícula na quinta feira enquanto abria o armário o osso me dói desde então acordei na sexta com torcicolo e os tendões da mão esquerda inflamados sábado, lavando louça, quebrei dois copos bati na pia um outro pires que lascou ontem, foi uma taça e ainda arranquei sangue de duas cutículas enquanto fazia as unhas do pé na mesma noite deixei cair no chão uma vasilha com sopa que espatifou e deixei o pão passar do ponto hoje estou de folga, sozinha, e até o momento só queimeei a ponta língua bebendo café

